



# RRESENHA





# A ESCRITA DE SI, A LEITURA DO OUTRO

## Autobiografia como fonte de pesquisa

SHELDON, Sidney. **O outro lado de mim**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Ana Cristina Cabral Medeiros<sup>1</sup>  
Vânia de Vasconcelos Gico<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Buscávamos nas prateleiras da livraria uma obra autobiográfica quando encontramos “O outro lado de mim (Memórias), do escritor Sidney Sheldon”. Ficamos surpresas! Conhecíamos o autor e já havíamos lido alguns de seus romances. Despertou-nos a atenção o fato de um romancista consagrado propor-se a escrever suas memórias denominando-as “O outro lado de mim”. Que outro lado seria esse que ele se propunha a revelar aos 88 anos<sup>3</sup>, após uma trajetória de sucessos, que o colocou no Livro dos Recordes, na categoria de “Autor mais traduzido no mundo”? O que Sheldon revelava sobre sua vida que poderia interessar ao público? Como um escritor, romancista por excelência, escreveu suas memórias? Para que o fez? - O que podemos aprender com essa leitura autobiográfica?

Folheamos o livro e lemos algumas páginas aleatoriamente. De pronto, chamou-nos a atenção a dedicatória: “*Às minhas queridas netas, Lizy e Rebeca para que saibam como foi mágica a minha jornada*”. (SHELDON, 2005, p.5). Intitulava sua trajetória de vida *de jornada mágica*! Mais que isso, considerava que sua jornada deveria ser conhecida por suas netas! Continuamos folheando o livro e encontramos na última página: “Minha psicose maníaco-depressiva – hoje conhecida como síndrome bipolar – tornou-me menos ativo nos últimos quatro anos, mas está sob controle agora, com a ajuda do lítio. Estou planejando um novo romance, um livro de não-ficção e

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais – PPGCS/UFRN. E-mail: anacristina@interjato.com.br

<sup>2</sup> Professora – FARN. E-mail: vaniagico@farn.br

<sup>3</sup> Faleceu em 31 de janeiro de 2007, aos 89 anos.

uma peça para a Broadway. Acabo de comemorar 88 anos". (SHELDON, 2005, p.372). Ao ler o que revelava o autor, percebemos estar diante de uma pessoa idosa, que havia reinventado seu envelhecer; tinha projetos e acreditava poder realizá-los; era portador de uma doença, porém aprendera a conviver com ela. Precisava conhecer a trajetória desse octogenário, para compreender como havia chegado aos 88 anos com novos projetos de vida e toda essa vitalidade.

Além disso, os estudos, sobre Memória e Sociedade reconhecem que na escrita autobiográfica um importante instrumento de pesquisa sobre os modos de pensar e viver dos indivíduos, dos grupos e das sociedades em diferentes contextos sócio-históricos e culturais, dizia-nos que ali se encontrava uma grande possibilidade de ampliar conhecimentos na área. Todos esses argumentos ainda eram fortalecidos pelo fato de reconhecer e recomendar a prática da escrita autobiográfica de memórias a adultos e idosos, enquanto memórias de vida/memórias sociais, como estratégia para procurar no passado as explicações para o presente, evocando pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, a viver. Foi assim que aceitamos o convite de Sheldon para conhecer a sua *jornada mágica*.

Nessa perspectiva, aborda-se a autobiografia, partindo-se das memórias de Sidney Sheldon (2005) narradas no livro: **O outro lado de mim**, objetivando-se cartografar o contexto histórico-geográfico e cultural no qual viveu o escritor e discutir as temáticas suscitadas pela leitura entre as quais: o eu na escrita de si; a criatividade encarada como doença; a família como constituinte de estruturação mental; a busca do eu, em si mesmo na amizade e na religião, tendo como aporte reflexivo o pensamento complexo e seus operadores: dialógico, recursivo e o hologramático e como estratégia metodológica a cartografia simbólica de acordo com os estudos de Santos (2002). Reflete-se sobre a autobiografia como fonte de pesquisa, a cartografia e os estudos do envelhecimento humano enquanto sistemática de estudos desenvolvidos na Base de Pesquisa: Cultura, Política e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; do Grupo de Estudos Boa-Ventura no eixo temático: Memória e Sociedade e da Base de Pesquisa Envelhecimento, Saúde e Sociedade da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - FARN. O conjunto integra os Grupos de Pesquisa do Brasil, vinculado ao CNPq.

## A OBRA

Entre tantas obras recentes, no gênero confessional, gostaria de apresentar o livro de Sidney Sheldon "O outro lado de mim (Memórias)", lançado no Rio de Janeiro pela Editora Record, em 2005, uma obra autobiográfica com 376 páginas que nos oferece um material rico de reflexões e possibilidades para o estudo dos indivíduos e da sociedade, tendo como ponto de partida a memória. Escrito numa linguagem simples e direta, possui um roteiro que envolve o leitor mantendo seu interesse na leitura.

A obra recria a jornada do autor, um menino pobre que queria ser escritor, que vive com sua família nos EUA no século XX, percorrendo, de forma não contínua, os anos compreendidos entre 1917, ano de seu nascimento, e 2005, ano em que escreve suas memórias. Escrita em 33 pequenos capítulos, com a utilização de marcadores temporais e espaciais, descreve com detalhes ambientes, pessoas e circunstâncias, possibilitando ao leitor compreender o contexto sócio-histórico e cultural em que ocorre a narrativa e desvendar sentimentos e emoções que permeiam os relacionamentos familiares, profissionais e de amizade.

Mais que uma obra autobiográfica que revela detalhes pessoais de existência do autor, como o fato de ser portador da psicose maníaco-depressiva, a angústia ao descobrir que a filha recém-nascida sofre de uma terrível má-formação congênita e o desespero de perdê-la apesar da batalha travada, a magia de receber uma filha em adoção e a tristeza de ter que devolvê-la, "*O outro lado de mim*" mostra a trajetória da formação do escritor que passa por ocupações como a de entregador de farmácia, recepcionista de hotéis, manobrista em restaurante, lanterninha e bilheteiro em cinema, vendedor em loja de departamentos, telefonista em serviços atualmente denominados telemarketing, compositor para piano, roteirista, ator, diretor e produtor para teatro, cinema e televisão, até chegar a romancista consagrado pelo público.

A obra revela, também, as dificuldades e as estratégias adotadas para conseguir trabalho e mantê-lo, para ser aceito na Força Aérea americana, e aponta caminho e sistemática utilizados para a escrita por encomenda, para a escrita em dupla e para o trabalho em equipe, com ou sem infra-estrutura, com ou sem recursos financeiros.

As Memórias de Sidney Sheldon desvendam, ainda, a vida nos estúdios cinematográficos de Hollywood e na Broadway, as brigas pelo poder, o tráfego de influências, as pressões na escolha dos atores e atrizes, a convi-

vência nos bastidores, os altos e baixos de um profissional que oscila entre desconhecimento-fama-falta de prestígio e mais uma vez a fama, que oscila entre pobreza-riqueza-pobreza e, mais uma vez, riqueza.

## A NARRATIVA

Como escritor, Sheldon escreveu suas Memórias como se escrevesse um romance cujo personagem central é ele mesmo, visto que muitas vezes o indivíduo assume papel preponderante no texto, com personagens periféricos que por vezes dividem com ele o centro da narrativa, chegando até mesmo a roubar a cena, diante de uma cosmo-representação, como pensa Miranda (1992). Revela-se gradativamente, a escolher segredos, elucidar, definir publicamente sua identidade e criar a sua lenda, num processo de tessitura da própria memória, buscando coerência entre os fatos e as experiências, entre o que pensa, o que diz e o que faz.

Já no primeiro capítulo, o leitor transporta-se para o ambiente em que se passa o relato. A força das palavras, principalmente dos adjetivos, deixa transparecer não apenas a tristeza do ambiente no qual vive e trabalha o autor, mas, e principalmente, o seu desespero face aos sentimentos que nutria em relação à vida presente e futura. O desespero de quem, tendo potencial e vontade, não consegue sequer romper as barreiras de seus próprios sentimentos depressivos. A narrativa e os marcadores temporais e espaciais permitem ao leitor enxergar uma América em depressão econômica, sem sonhos nem perspectivas e pouco a pouco presenciar sua reconstrução e retomada de desenvolvimento.

A narrativa deixa transparecer a compreensão de que todos os fatos de sua vida estão interligados, de que todas as pessoas com as quais conviveu contribuíram para que ele seja quem é, e por vezes, chega a localizar o que acredita ter apreendido com cada pessoa ou experiência. Entretanto, apesar de se ver como partes herdadas e aprendidas, surge, aos poucos com novas qualidades, que estimulam as já existentes levando-as a se revelarem em outras novas e diferentes. É assim que vemos o roteirista para cinema, escrever peças para a Broadway, seriados para a TV e, mais recentemente, romances.

Sua *jornada mágica* é contada com orgulho, sentimento que permeia todos os capítulos, mas que é explicitado na última página, quando Sheldon (2005, p.372), usando adjetivos como: maravilhosos, excitante, incrível, diz:

- Em relação a seu casamento com a segunda esposa – “Alexandra e eu estamos casados há 16 anos – maravilhosos – anos”.
- Em relação a sua filha e netas – “Para meu deleite, minha filha Mary tornou-se escritora. Até hoje, já publicou dez romances. Minha neta, Lizy, teve um romance publicado quando tinha dezesseis anos. Espero que Rebeca, de dez anos, seja a próxima”.
- Em relação a sua jornada – “Foi uma jornada excitante e maravilhosa. Sou grato a Otto (pai), que me convenceu a continuar virando as páginas, e a Natalie (mãe), por sua fé inabalável em mim”.
- Em relação à carreira – “Tive uma carreira incrível com grandes sucessos e imensos fracassos”.

Buscando dar veracidade às narrativas e confirmar revelações, Sheldon cita nomes, datas, lugares, diálogos, descreve situações e ambientes em detalhes, cita jornais e apresenta fotos. “A narrativa da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados”. (MIRANDA, 1992, p.36). Esse material dá uma certa concretude à sua autobiografia. A ênfase da narrativa está na sua trajetória profissional, no seu processo de se construir e constituir escritor, revelando, no “Posfácio” toda a magia de criar e dar vida às personagens.

## **A JORNADA MÁGICA**

De menino pobre nascido em Chicago, EUA em 1917, sem perspectivas para o futuro ao romancista famoso residente em Palm Spring, Califórnia, que chega a 2005, com 88 anos, escrevendo suas Memórias e revelando planos para o futuro, a narrativa de Sidney Sheldon articula identidade e diferença, acaso e destino, regras e transgressões, ordem e desordem, e abandona a explicação linear dos acontecimentos por um tipo de explicação em movimento, circular, recursiva que vai das partes ao todo e do todo às partes, para tentar compreender e explicar sua *jornada mágica*, enquanto gestão da vida para um envelhecimento saudável.

Sheldon escolhe como ponto de partida para as suas Memórias o dia em que decide encerrar sua vida e prepara-se para cometer suicídio. Um novo nascimento, o nascimento do futuro escritor. Explica como Otto, seu pai, o convenceu a adiar o propósito e a retomar o seu sonho de escritor, lembrando-lhe que “cada amanhã é como a página seguinte de um livro e que só saberemos o que ela nos reserva se virarmos a página. Fechar o livro

tão cedo é perder toda a emoção da página seguinte, a página que você vai escrever". (SHELDON, 2005, p.12-13). Um questionamento que se fez na ocasião parece manter-se presente ao longo de todo o livro, mesmo que não revelado:

- *Estou encerrando o livro cedo?*
- *Alguma coisa maravilhosa pode acontecer amanhã?*

Sua *trajetória mágica* é a que vai conduzi-lo até a carreira de escritor. Até poder decidir sobre o que e como escrever. Até ser o verdadeiro dono de suas idéias, de seus roteiros, de seus personagens. Percorrer com ele esse caminho é conhecer a luta pelo sonho e sentir a importância da família, do amor, da amizade, da solidariedade e do poder da fé inabalável da mãe em sua capacidade. É ter a oportunidade de aprender com a experiência do outro. É constatar a importância de toda experiência de vida para a composição do seu eu pessoal e profissional. É conviver com a psicose maníaco depressiva e observar como essa doença pode interferir no cotidiano de seu portador, mas, como, por outro lado, se pode aprender a conviver com um problema dessa natureza. Identificar o problema e controlar pode ser a solução possível.

Filho de pai americano e mãe russa, com um único irmão mais jovem com quem desenvolvera laços fortes de amizade, vivendo numa família instável e com problemas financeiros, portador de síndrome bipolar não identificada, Sheldon, nascido Schechtel, aos 17 anos se sentia um jovem infeliz, solitário e sem saída, que queria desesperadamente alguma coisa que não sabia sequer denominar, que queria um futuro maravilhoso e acreditava que não existia nenhum futuro maravilhoso, e que tinha grandes sonhos, mas no fim do dia era um entregador trabalhando numa drogaria.

Um jovem cuja fantasia era ir para a universidade, mas não havia dinheiro para isso. Um jovem que sonhara em ser um escritor e que escrevera dezenas de contos para revistas, que foram recusados. Um jovem, que apesar de se saber talentoso e capaz de amar seus pais e irmão, sentindo-se sufocado pela vida sem perspectivas, decide que não pode passar o resto da vida na miséria sufocante que é o seu mundo e, aos 17 anos, tenta o suicídio, para acabar com a própria vida. É assim que Sheldon inicia a sua escrita de si.

Já no segundo capítulo fala de suas origens familiares e revela o seu amor por Natalie, sua mãe, e sua admiração pela capacidade de Otto, seu pai, de recomeçar após experiências mal sucedidas. Passando por cidades,



escolas, moradias e empregos diversos, Sheldon revela como, entre a euforia e a depressão, trilhando um caminho árduo, chegou à realização do sonho de ser escritor. Suas memórias são, a um só tempo, a imagem de um mundo conectado, onde indivíduo e sociedade se constroem mútua e continuamente, num movimento hologramático e recursivo, e a imagem de relacionamentos em que a emoção, o exemplo e a certeza do amor, são a força que constrói e impulsionam na direção do destino. O apoio espiritual, quando se está em momentos difíceis, da amizade e da lealdade entre irmãos e amigos e do amor e da confiança na relação matrimonial, são essenciais.

O amor surge na figura de Jorja Curtright, com quem casou após três meses de convivência. Sheldon a descreve no capítulo 22: "Era linda, as feições clássicas e os olhos castanhos sagazes, inteligentes, promissores. Sua voz era rouca, original". (SHELDON, 2005, p.233). Também registra que por ocasião de seu casamento e após fazer uma centena de perguntas, sua mãe concluiu que Jorja era perfeita para ele. Estava no ano de 1952.

A trajetória de Sheldon passa, então, a incluir Jorja, com quem agora dialoga e sobre quem também fala. Depois vem a primeira filha Mary, um belo e saudável bebê e uma babá, Laura, presença definitiva em suas vidas daí por diante. Todos cuidavam do bebê, e Sheldon concluiu que a estavam mimando em excesso, propondo a Jorja que reduzissem isso à metade, ao que ela responde: -"Está bem. Você reduz a sua metade". (SHELDON, 2005, p. 275). Estava encerrada a discussão.

Ao longo do livro, muitas são as ocasiões em que tem de enfrentar problemas financeiros e em cada um dos momentos ele relata como encontrou a saída. Entretanto, enfrentar uma crise financeira após ter tido muito dinheiro é mais difícil, principalmente quando se tem mulher e filha. Ao narrar essa crise financeira, Sheldon traz ao leitor o que de mais relevante ocorreu naquela fase de suas vidas e demonstra como Laura, a babá, os ajudou a superar as dificuldades.

Outro fato pode ser percebido ao longo da leitura, A escrita de si revela, aos poucos, uma serenidade no pensar e agir, que pode ser percebida no relato da experiência do incêndio próximo à sua casa e quando foi necessário desocupá-la: -"Jorja reuniu apressadamente as coisas de que precisava. Peguei Mary, já com cinco anos pela mão e corri para o carro. Tinha decidido o que levaria comigo. Um punhado de canetas e meia dúzia de blocos de papel. Sabia que não poderia interromper minha escrita". (SHELDON, 2005, p. 310).

A *trajetória mágica* de Sheldon passa por momentos de desespero quando nasce o seu segundo bebê, Alexandra. Uma má-formação congênita da coluna vertebral que a leva a óbito em poucos dias, apesar de todos os esforços despendidos. Sobre a tristeza da perda nos diz Sheldon: “Se há um inferno na terra, ele existe para os pais que perderam um filho. Há uma dor intraduzível que nunca desaparece completamente”. (SHELDON, 2005, p.315). A dor não diminuiu com o passar dos anos e uma nova experiência os aguarda: a adoção. Uma filha saudável! Um bebê lindo e sadio, de olhos castanhos que recebeu o nome de Elizabeth Aprille. Todos se apaixonaram por Elizabeth, que se apaixonou por Mary.

A vida reservava-lhes novas surpresas. A mãe biológica de Elizabeth, amparada pela lei, após seis meses pede e consegue sua filha de volta. Novo sofrimento e o apoio espiritual, assim relatado: “Não sei bem como superamos o sofrimento excruciante nos meses seguintes, mas, de alguma maneira, conseguimos. Encontramos conforto na Church os Religious Science, uma combinação racional, não pertencente a nenhuma congregação eclesial, de religião e ciência. Sua filosofia de paz e bondade era exatamente do que eu e Jorja precisávamos. Freqüentamos um curso de treinamento prático por um ano, depois mais um ano. Foi uma experiência de cura maravilhosa. Continuávamos a sentir o vácuo nas nossas vidas, mas, queira-se ou não, a vida continua.”. (SHELDON, 2005, p.317).

Os anos 60 são da TV e o contexto narrado evidencia que as pessoas que trabalhavam no cinema olhavam de cima para quem trabalhava na televisão. Sobre esse novo tempo, o da TV, nos diz Sheldon que quando a televisão estava começando a engatinhar, as redes recorreram aos estúdios dizendo: “Temos uma nova forma de distribuição fantástica, mas não sabemos criar entretenimento”. (SHELDON, 2005, p.323). Sheldon recebe convite e recusa escrever para a televisão. Uma recusa inicial baseada em condicionamento anterior, seguida da decisão de produzir um programa.

Uma nova fase, novos aprendizados, novas descobertas. O trabalho na televisão tinha suas próprias peculiaridades e, por vezes, a experiência acumulada no cinema e nas peças da Broadway não eram suficientes. Mais uma mudança. Em 1965 todo programa de televisão passou do preto e branco para a cor. Novas demandas, novos problemas. Uma experiência a mais. Sheldon traz sua mãe para um papel na TV, no seriado por ele criado e dirigido intitulado *Jeannie é um gênio*, sucesso por mais de 10 anos. Sua mãe faz sucesso. Anos depois dessa experiência Sheldon volta a escrever para a televisão, foi a vez do seriado *Casal 20* que ficou no ar por cinco anos.

Cinema, teatro, TV, muito sucesso, mas eis que retorna à cena o desejo de escrever e Sheldon o faz, criando o romance **A outra face**. Começava aí, uma nova fase da sua vida - escritor. Ao relatar suas experiências na escrita de alguns de seus livros, Sheldon afirma:

De todos os tipos de texto que escrevi ao longo dos anos – para cinema, teatro, televisão, romances, o romance é o meu preferido. Romances são um mundo diferente, um mundo da mente e do coração. Em um romance, criamos personagens e lhes damos vida. Um romancista viaja pelo mundo todo pesquisando, conhecendo gente e indo a lugares interessantes. Se as pessoas são afetadas por algo que você escreveu, elas lhe dizem. [Diz, ainda o autor que é muito grato às experiências vividas na escrita de algumas de suas obras, e acrescenta]: Adoro escrever e tenho sorte de trabalhar com algo de que gosto. Acho que ninguém pode levar o crédito pelo talento que tem. Talento é um dom, seja para pintar, compor ou escrever, e devemos agradecer o talento que nos foi dado e trabalhá-lo com dedicação. O que mais gosto é do processo de escrever. (SHELDON, 2005, p.371).

Realizado profissionalmente e afetivamente, Sheldon nos revela que três anos após o falecimento de Jorja em 1985, em consequência de um ataque cardíaco, volta a se apaixonar por uma mulher que simplesmente mudou a sua vida e com a qual esteve casado por *16 maravilhosos anos*. Ele a descrevia como “a síntese de toda mulher que já coloquei no papel: inteligente, linda e extremamente talentosa. Sem dúvida, amor à primeira vista”. (SHELDON, 2005, p.372). Alexandra Koscoff é o seu nome.

## O CONTEXTO SOCIAL

Partindo de uma visão local de mundo, Sheldon situa sua trajetória no tempo e no espaço descrevendo o contexto social em que essa trajetória se inscreve. É assim que vemos surgir uma Chicago severa e agressiva das décadas de 1920 e 1930, com trens ruidosos, carroças de gelo puxadas a cavalo, boates de *striptease* e cheiro de estábulos, palco do Massacre do Dia dos Namorados, quando uma dúzia de integrantes de grupos criminosos foi alinhada contra parede e metralhada. Uma Chicago onde o sistema educacional, como ela própria, é severo e agressivo, com estudantes sendo

agredidos por seus mestres. Uma Chicago atingida estruturalmente pelo crash da Bolsa, que resulta na falência de milhares de bancos, no desemprego em massa, na redução dos salários, no suicídio de ex-milionários, e na mendicância de ex-executivos, na pobreza degradante que mantinha famílias sem aquecimento no inverno, para economizar dinheiro, e que ensinava a apagar as luzes quando não se as está usando, como a dele próprio. Uma Chicago com intermináveis filas para pão, e com muitos tumultos nas ruas. Uma Chicago que apesar disso tinha suntuosos hotéis onde homens bem vestidos entregavam seus chapéus e casacos na chapelaria.

Sheldon nos fala, ainda da diferença entre viver numa família cujo pai tem um bom emprego, e mora em uma cidade agradável como Denver e viver em Chicago, numa família cujo pai está desempregado, descrevendo com sensibilidade os sentimentos desses familiares em cada uma dessas circunstâncias. Sua narrativa nos fala, também, dos problemas de discriminação por que passa uma criança que muda constantemente de escola e de como é sentir-se o último da fila. Por outro lado, nos fala da alegria de ver sua capacidade criativa reconhecida e valorizada. Na medida em que vai se mudando para novas cidades e tendo contato com culturas diferentes, a visão local se transfigura em nacional e posteriormente em global, quando se percebe cidadão e escritor do mundo para o mundo.

Diferentemente de Chicago, o autor utiliza na apresentação da cidade de Nova York palavras como magia e agitação, e chama atenção para seus grandes edifícios, marquises, ruas, cartazes, trânsito e multidão, e para a existência de um quartel-general do *show business* da música. Sheldon vê em Nova York a cidade que poderá lhe realizar o sonho de ser escritor. Nessa perspectiva molda seu comportamento e vive a experiência de trabalhar como lanterninha de cinema como uma grande oportunidade de ter como se sustentar com horário livre para tentar entregar suas composições nas mãos de algum produtor, além de poder assistir a seus primeiros filmes e conhecer o trabalho de grandes atores e atrizes. Vivencia, ainda em NY, a experiência de ser promovido e de descobrir-se capaz de encontrar estratégias para atrair público para os filmes, de convencer pessoas como fazia seu pai Otto.

Nova York fica registrada como uma cidade mágica e como palco do começo de uma grande amizade com Sidney Rosenthal. Sua trajetória chega, por fim à Califórnia, onde começa, de fato a sua nova vida de roteirista e escritor para o cinema. Viver em *Los Angeles* se traduz em buscar emprego e ser rechaçado como um desconhecido. Persistência, sagacidade e sorte,

ancorados na criatividade e conhecimento do idioma, sua língua pátria, e no apoio de amigos e familiares, são fatores imprescindíveis ao alcance dos primeiros bons resultados profissionais. Nesse ponto da narrativa o foco passa a ser a experiência de viver a realidade dos estúdios de cinema, depois a Broadway, mais adiante a TV e, por fim os romances.

Os contextos são revelados nas descrições dos grandes espaços, dos sets de filmagem, das salas dos diretores, do poder relacionado à posição hierárquica e econômica, dos atores e atrizes contratados. Tudo com o apoio de diálogos. Os contextos também revelam diferentes culturas organizacionais e seus reflexos no trabalho e nas equipes.

O mundo entra em cena com a chegada da Guerra e Sheldon narra:

Hollywood tinha suas tempestades temperamentais diárias, mas na Europa estava se formando um temporal de verdade. Tinha começado em 1939, quando a Alemanha e a União Soviética invadiram a Polônia. [...] Em 7 de dezembro de 1941, Pearl Harbor foi atacada pelos japoneses e no dia seguinte Franklin D. Roosevelt declarou guerra ao Japão. (SHELDON, 2005, p.112).

A escrita de si traz, então, toda a sua participação nas Forças Armadas, mais especificamente na Patrulha Aérea Civil. Novo contexto e nova realidade. As normas, os regulamentos, as tradições. As aulas, as provas, a rotina. A experiência de pilotar e a fantástica sensação de liberdade. “De romper os vínculos com a terra e voar para um novo mundo”. (SHELDON, 2005, p.125). O emblema de avião três meses depois de ter chegado a Richfield. A reserva e o retorno à escrita de roteiros para o cinema.

As memórias também revelam a vida no meio artístico do cinema e da TV, configurando-se como uma oportunidade de estudos e pesquisas para professores, estudantes e pretendentes à atuação profissional nessas áreas. Por outro lado revelam o poder da crítica de conformar platéias e encaminhar sucessos ou desastres, como revelam as narrativas:

As outras críticas não foram melhores. Tranquei-me no hotel pelos próximos três dias, recusando-me a atender ao telefone. Ficava repetindo as críticas mentalmente, sem parar. Os críticos tinham razão. Eu não era bom o bastante para escrever para a Broadway. Meus êxitos tinham sido acidentais. (SHELDON, 2005, p.112).

Situações como essas o levavam de volta para casa, para sua mãe Natalie, para a segurança de seu abraço e para a firmeza de suas orientações. Ao falar da satisfação em ser escritor, Sheldon diz que, a exemplo do que ocorre em outras profissões, a satisfação não depende apenas dos resultados financeiros alcançados, mas de outros fatores. Explica, ao falar sobre A outra face, seu primeiro romance publicado: apesar de ser considerado pela crítica o melhor livro policial do ano e ter recebido prêmios literários, não foi bem-sucedido financeiramente, pois as despesas com a publicidade foram maiores do que o arrecadado com as vendas, e diz:

havia um elemento mais importante envolvido na elaboração do romance. “Eu tinha experimentado uma sensação de liberdade de criação jamais experimentada antes”. Esclarece: Quando escrevemos um roteiro ou programa de televisão, ou uma peça de teatro, é sempre um esforço em colaboração. Mesmo se escrevemos sozinhos, estamos trabalhando com um elenco, um diretor, um produtor e músicos. O romancista é livre para criar o que quiser. Não há ninguém para dizer: vamos mudar a cena para [...], vamos cortar [...]. O romancista é o elenco, o produtor e o diretor. O romancista é livre para criar mundos inteiros, para voltar no tempo, para dar a seus personagens exércitos, criados, mansões. O único limite é a imaginação. (SHELDON, 2005, p.364-5).

## **A ESCRITA DE SI**

Ao recriar sua própria imagem na escrita de si, Sidney Sheldon se revela e se descobre como resultado da criação recebida de seus pais, das experiências vividas ao longo de sua trajetória de vida e de suas próprias características e talento natural. As oportunidades que teve ou que criou, o apoio recebido de parentes e amigos, sua capacidade criativa e produtiva, sua vontade de crescer e ser, a força recebida de seu pai quando o demoveu da idéia de suicídio, e de sua mãe que, além de demonstrar, confiança e crença incondicional em seu potencial para ser e vencer, em diferentes momentos de sua vida são fatores decisivos para que tivesse condição de lutar por uma vida diferente e pelo seu sonho de ser escritor. As questões relacionadas à sua saúde aparecem no texto, de forma indireta, deixando-se entrever em frases como:

- “Estava na hora de encerrar tudo o que estava errado em minha vida”.
- “Mas eu estava prestes a escapar disso tudo.”
- “Tive vontade de rir e não consegui parar. Quanto mais pensava no som, mais alto ria. Não me continha. A gargalhada me dominou completamente e fui ficando cada vez mais histérico”. (SHELDON, 2005, p.24).

Sheldon consegue, com as palavras, expressar seus sentimentos e angústias, porém somente quando já está cursando a universidade é que se percebe doente e precisando de ajuda. Isso ocorre logo após conseguir o feito de tornar-se o primeiro calouro a ser aceito no Grupo de Debates da Universidade, e, em sua própria expressão, virado outra página: “Por mais ocupado que eu ficasse, alguma coisa continuava faltando. Eu não fazia a mínima idéia do que era. De alguma maneira, me sentia insatisfeito. Tinha a sensação de anomia, um sentimento de ansiedade e isolamento. No campus, observando os grupos de estudantes entrando e saindo das salas de aula, pensei: “São todos anônimos”. Quando morrerem, ninguém jamais saberá que chegaram a viver nessa terra. Fui tomado por uma onda de depressão. Quero que as pessoas saibam que estive aqui, pensei. Quero fazer a diferença”. (SHELDON, 2005, p.40).

Sentindo-se *oprimido por nuvens negras e pesadas* e, em desespero, Sheldon marca hora com o psicólogo da universidade, para descobrir o que estava errado consigo. A consulta não se consumou, pois Sheldon passa da depressão à euforia e, evitando ser considerado maluco, desiste de ir ver o psicólogo: “Foi uma péssima decisão. Se tivesse ido vê-lo, teria sabido naquele dia o que só fui descobrir anos depois”. (SHELDON, 2005, p.40).

Diversas são as ocasiões em que a narrativa revela-o em depressão e, analisando essas passagens, percebe-se que quando em depressão ele abre mão do que está fazendo ou desenvolvendo e depois justifica a decisão errada tomada tentando amenizá-la em função do contexto sócio-econômico.

Sobre o problema de saúde relacionado à coluna vertebral, decorrente de um escorregão durante uma aula de ginástica quando tinha sete anos e residia em Denver, e para o qual os médicos receitavam um tratamento simples: “ficar deitado na cama, imóvel, por dois ou três dias, com uma bolsa de água quente para relaxar os músculos, e o disco volta para o local”. (SHELDON, 2005, p.27). Sheldon relata diversos episódios, ao longo de sua

vida, até que por ocasião de uma crise durante uma viagem em companhia de sua esposa à Europa é levado por um amigo ao fisioterapeuta Paul Horn com quem se trata da hérnia de disco com sucesso. Descreve o tratamento em detalhes, e revela formas não tradicionais de terapias da saúde.

Para dar sentido e magia à sua trajetória Sheldon inclui, já no segundo capítulo, o momento em que, quando tinha dez anos, sua mãe lhe diz que ele será famoso internacionalmente, acreditando no que profetizara Bea Factor, uma amiga de sua mãe que tinha a reputação de ser sensitiva, e havia muitos conhecidos seus que confirmavam isso. Para ele, era maravilhoso que sua mãe acreditasse no que profetizava a amiga, e, no final do último capítulo diz: "A previsão de Bea Factor de que me tornaria famoso mundialmente finalmente tinha se concretizado". (SHELDON, 2005, p.27). Sheldon fecha o círculo de sua vida.

O livro *O outro lado da meia-noite*, estruturado cuidadosamente a partir de um roteiro escrito por ele com o nome de *Orchids for Virginia* e que fora recusado, após publicado, ficou na lista dos Mais Vendidos do New York Times por 52 semanas, tornando-se um fenômeno e disparando como um best seller internacional. Fechar e reabrir o livro, agora era fácil, pois já sabia que as páginas seguintes podiam reservar momentos de grande magia. Sabia também que ele poderia e seria o escritor dessas novas páginas do livro de sua própria vida.

## O APRENDIZADO

As memórias são a parcela da literatura autobiográfica mais reconhecida como puramente literária muito provavelmente, pela maior liberdade imaginativa que a elas está vinculada. De fato, as inexatidões da memória, capacidade humana de armazenar dados, transformam os fatos em recordações por meio da linguagem: "a memória não é apenas um conjunto de imagens fixas que devemos compreender ou transmitir, mas algo que retorna para repetir um caminho que nunca foi trilhado". (COSTA; GODAR, 2000, p.9). Nessa perspectiva, a escrita de **O outro lado de mim** se constitui numa oportunidade que o autor se concedeu de elucidar os velhos segredos de sua infância, definir sua identidade e criar sua própria lenda. Afinal, a memória é uma ficção tecida por nós mesmos para dar sentido à nossa existência, e cada um escolhe o tom para contar a própria história.

Para o leitor, além da possibilidade de percorrer conosco a trajetória de vida de Sidney Sheldon, deixamos o convite para a leitura da obra autobio-



gráfica, pois a mesma pode oportunizar a revisão da sua própria trajetória. É no diálogo com os diferentes personagens de nossa história que nos constituímos como seres humanos, e é através da linguagem que construímos nossa identidade.

A escrita autobiográfica se constitui, sem dúvida, numa oportunidade para desvendar como pensa e sente aquele que escreve e como percebe a sociedade em que vive e viveu. Para proceder a essa análise, recorreremos à cartografia simbólica, abordagem proposta por Boaventura de Sousa Santos (2002), buscando nas palavras e nas imagens os conceitos que sustentavam a representação da realidade feita por Sheldon em suas Memórias. As estruturas sociais, descritas por Sheldon nos vários contextos, familiar, profissional e social, são tecidas histórico e culturalmente, em consonância com o que ele conhece da sociedade e do mundo.

Por sua vez, ao percebermos que tudo estava interligado, e que a análise não poderia ser realizada de forma fragmentada, buscamos em Edgar Morin (2002) o aporte teórico necessário à análise numa abordagem do pensamento complexo.

Por último, refletindo sobre a teia da vida de Capra (1996) optamos por buscar nessa metáfora uma nova forma de efetuar essa cartografia, um novo método de análise, uma nova estratégia, e decidimos identificar os nós de amarração dessa teia, ao labirinto tecido por Sidney Sheldon, que se manteve ativo até os seus 88 anos, arquitetando sonhos e acreditando em promessas de um futuro melhor, quando virasse a página do dia seguinte. Fica o exemplo para aqueles que desejam chegar aos 120 anos de vida, previsão para os seres vivos humanos no século XXI.

## REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

COSTA, I. J. M.; GONDAR, J. **Memórias e espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

MACIEL, Sheila Dias. **A literatura e os gêneros confessionais**. Disponível em : <<http://www.ceul.ufms.br/pgletras/docentes>>. Acesso em: 13 jun. 2006.

MIRANDA, Wander Melo. A ilusão autobiográfica. In: \_\_. **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992. p.25-41.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. Tradução e Organização Edgar de Assis Carvalho; Maria da Conceição de Almeida. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Uma cartografia simbólica das representações sociais: o caso do direito. In: \_\_\_\_\_. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática, v.1)

SCHIRRMACHER, Frank. **A revolução dos idosos**: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha. Tradução de Maria do Carmo Ventura Wollny e Sérvulo M. Resende. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SHELDON, Sidney. **O outro lado de mim**. Rio de Janeiro: Record, 2005.